

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

O ENGENHEIRO



AMIGOS DA POESIA

1945

0 Eu senhor

- Presente para v., se me der o prazer de o aceitar.
- a Editora "Amigos da Prensa" nunca existiu. Foi o Augusto Frederico Schmidt que fez todo o livro e pagou a impressão de seu bolsinho (ou rico bolso). Lauro Escovel mudou o nome da pseudo-editora. O livro de Vinicius, anunciado na contra-capa nunca chegou a sair pela mesma "editora". (Mas sei se enverdetalhes, aneddotas interessantes a seu trabalho).

F.

O ENGENHEIRO

Do autor

CONSIDERAÇÕES SOBRE O POETA DORMINDO, Recife,  
1941.

PEDRA DO SONO, poemas, Recife, 1942.

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

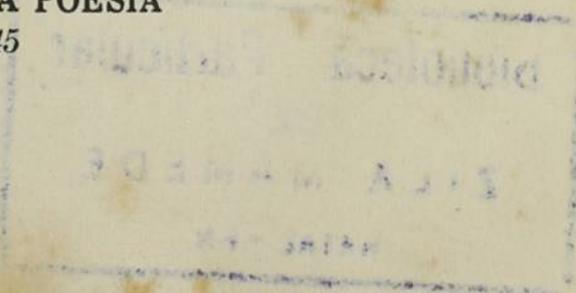
JOÃO CABRAL DE MELO NETO

# O ENGENHEIRO



AMIGOS DA POESIA

1945



biblioteca Particular

DE

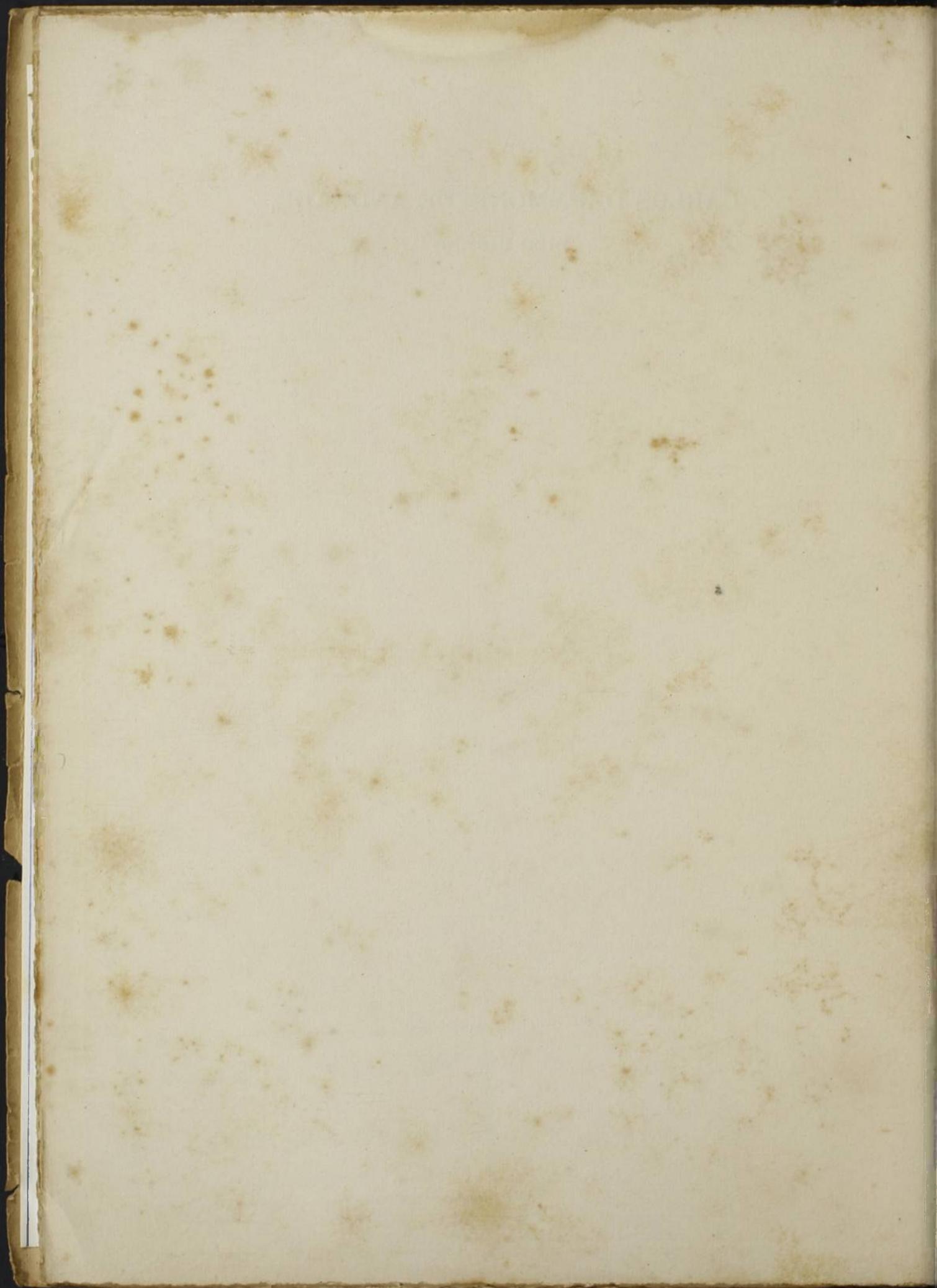
ZILA MAMEDE

NATAL - RN

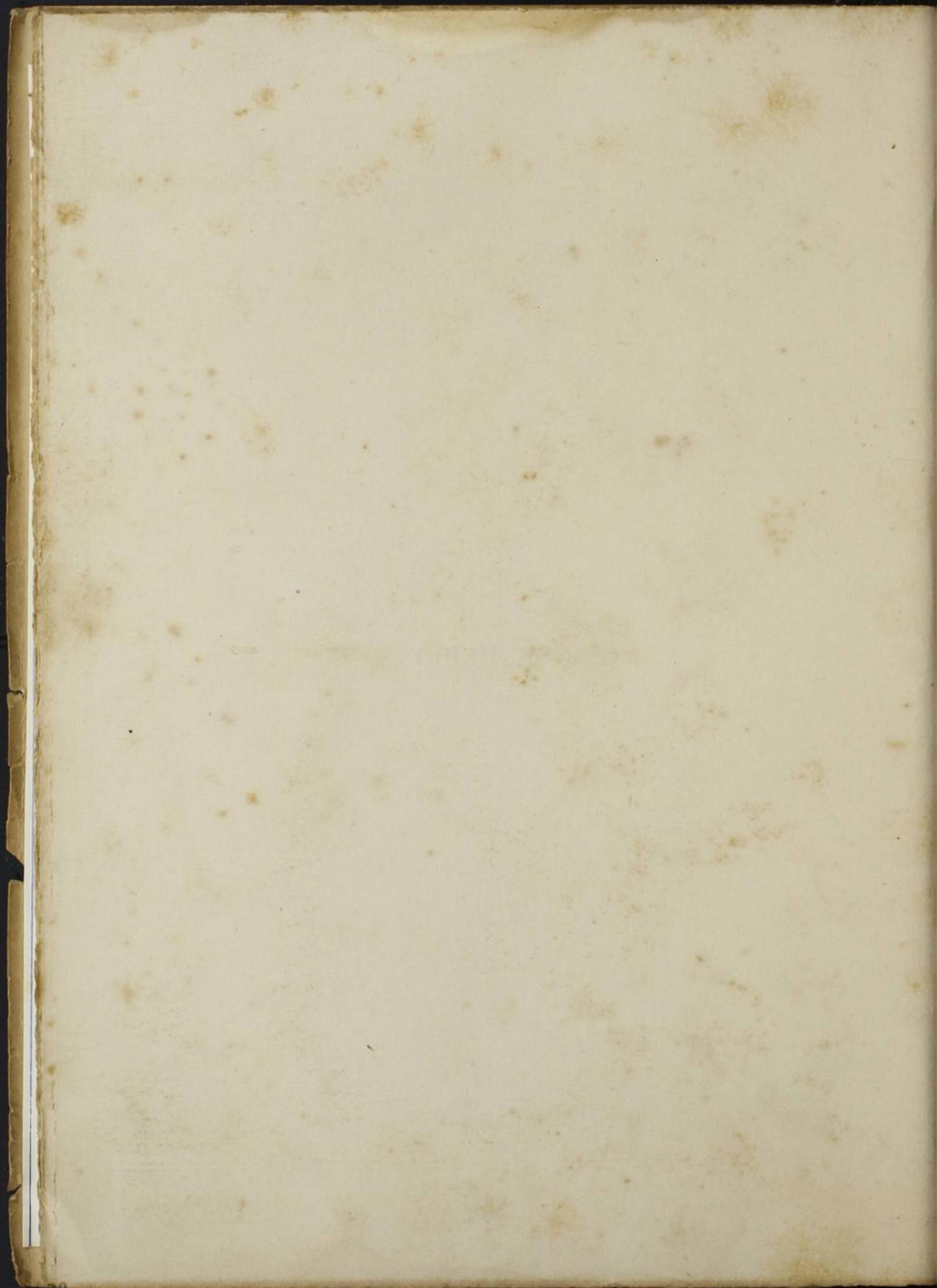
A

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,

meu amigo

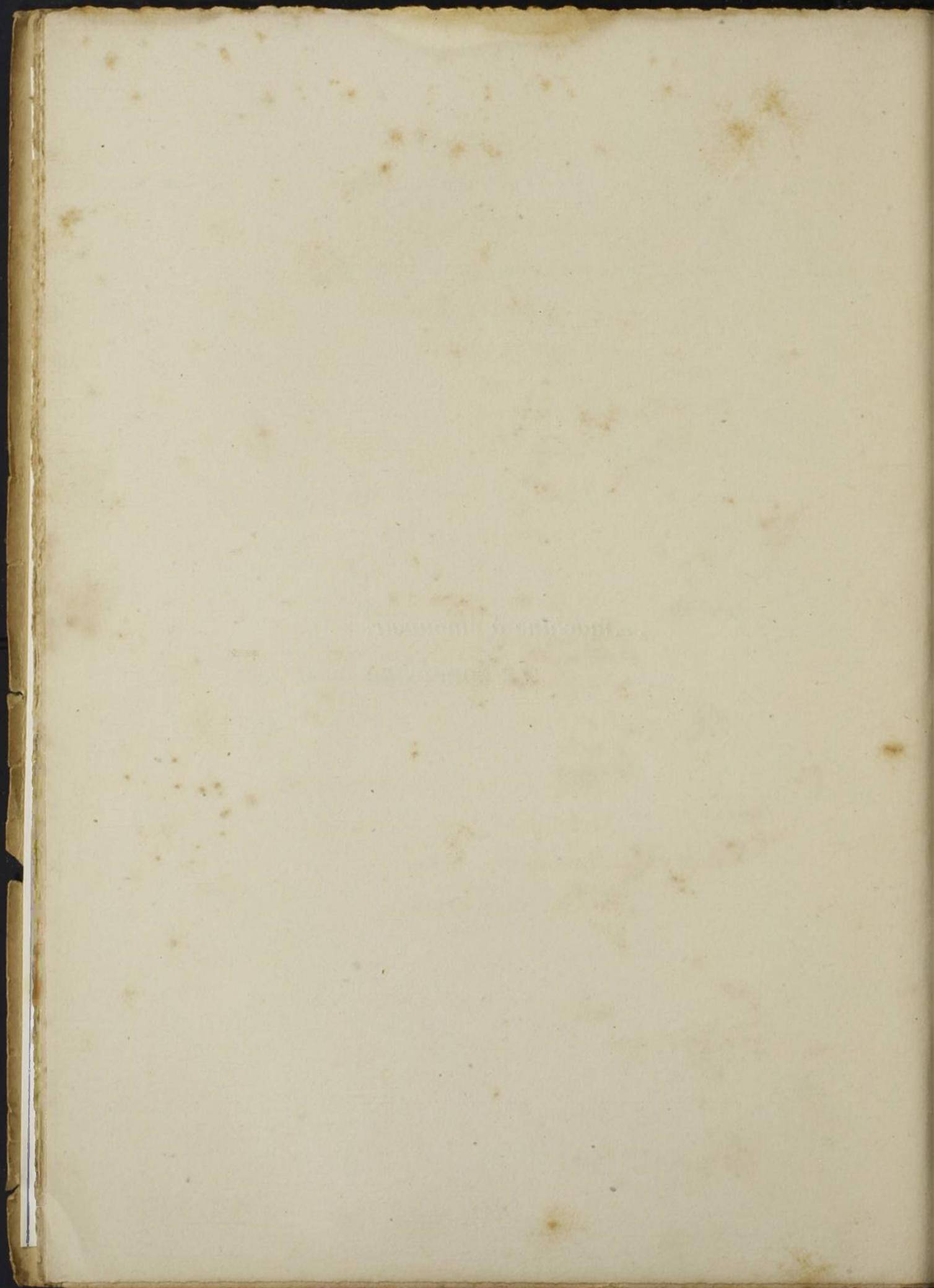


O ENGENHEIRO



*...machine à émouvoir.*

**LE CORBUSIER**



## AS NUVENS

As nuvens são cabelos  
Crescendo como rios;  
São os gestos brancos  
Da cantora muda;

São estátuas em vôo  
À beira de um mar;  
A flora e a fauna leves  
De países de vento;

São o olho pintado  
Escorrendo imóvel;  
A mulher que se debruça  
Nas varandas do sono;

São a morte (a espera da)  
Atrás dos olhos fechados;  
A medicina, branca!  
Nossos dias brancos.

## A PAISAGEM ZERO

*(Segundo Monteiro, V. do R.)*

A luz de três sóis  
Ilumina as três luas  
Girando sôbre a terra  
Varrida de defuntos.  
Varrida de defuntos  
Mas pesada de morte:  
Como a água parada,  
A fruta madura.  
Morte a nosso uso  
Aplicadamente sofrida  
Na luz dêsses sóis  
(frios sóis de um cego);  
Nas luas de borracha  
Pintadas de branco e preto;  
Nos três eclipses

Condenando o muro;  
No belo tempo mineral  
Que afugentou as floras.  
E morte ainda no objeto  
(sem história, substância,  
Sem nome ou lembrança)  
Abismando a paisagem  
Janela aberta sôbre  
Os sonhos dos mortos.

## A BAILARINA

A bailarina feita  
De borracha e pássaro  
Dansa no pavimento  
Anterior do sonho.

A três horas de sono  
Mais além dos sonhos  
Nas secretas câmaras  
Que a morte revela.

Entre monstros feitos  
A tinta de escrever  
A bailarina feita  
De borracha e pássaro.

Da diária e lenta  
Borracha que mastigo.  
Do pássaro ou inseto  
Que não vou caçar.

## A VIAGEM

Quem é alguém que caminha  
Tôda a manhã com tristeza  
Dentro de minhas roupas, perdido  
Além do sonho e da rua?

Das roupas que vão crescendo  
Como se levassem nos bolsos  
Doces geografias, pensamentos  
De além do sonho e da rua?

Alguem a cada momento  
Vem morrer no longe horizonte  
Do meu quarto onde êsse alguem  
É vento, barco, continente.

Alguem me diz tôda a noite  
Coisas em voz que não ouço.  
— Falemos na viagem, eu lembro.  
Alguem me fala na viagem.

## A MULHER SENTADA

Mulher. Mulher e pombos.

Mulher entre sonhos.

Nuvens nos seus olhos?

Nuvens sôbre seus cabelos.

(A visita espera na sala;

A notícia, no telefone;

A morte cresce na hora,

A primavera além da janela).

Mulher sentada. Tranqüila

Na sala, como se voasse.

## O ENGENHEIRO

A luz, o sol, o ar-livre  
Envolvem o sonho do engenheiro.  
O engenheiro sonha coisas claras:  
Superfícies, tênis, um copo d'água.

O lápis, o esquadro, o papel;  
O desenho, o projeto, o número:  
O engenheiro pensa o mundo justo  
Mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos  
Ao edifício. A cidade diária  
Como um jornal que todos liam  
Ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,  
De um lado o rio, no alto as nuvens  
Situavam na natureza o edifício  
Crescendo de suas fôrças simples.

## OS PRIMOS

Meus primos todos  
Em pedra, na praça  
Comum, na rua  
De nome indígena.  
No gesso branco  
Os antigos dias,  
Os futuros mortos.  
Nas mãos caiadas  
As impressões digitais  
Particulares, os gestos  
Famíliares. Os movimentos  
Plantados em alicerces  
Os olhos bolindo  
De vida prêsa.  
Meus primos todos  
Em mármore branco:  
O funcionário, o atleta,

O desenhista, o cardíaco,  
Os bacharéis anuais.  
Nos olhamos nos olhos  
Cumprimentamos nossas  
Duras estátuas.  
Entre nossas pedras  
(uma ave que voa;  
Um raio de sol)  
Um amor mineral,  
A simpatia, a amizade  
De pedra a pedra  
Entre nossos mármoreos  
Recíprocos.

## O FIM DO MUNDO

No fim de um mundo melancólico  
Os homens lêem os jornais.  
Homens indiferentes a comer laranjas  
Que ardem como o sol.

Me deram uma maçã para lembrar  
A morte. Sei que cidades telegrafam  
Pedindo querozene. O véu que olhei voar  
Caiu no deserto.

O poema final ninguém escreverá  
Dêsse mundo particular de 12 horas.  
Em vez de juízo final a mim me preocupa  
O sonho final.

## A MOÇA E O TREM

O trem de ferro  
Passa no campo  
Entre telégrafos.  
Sem poder fugir  
Sem poder voar  
Sem poder sonhar  
Sem poder ser telégrafo

A moça na janela  
Vê o trem correr  
Ouve o tempo passar.  
O tempo é tanto  
De se poder ouvir  
E o escuta passar  
Como outro trem.

O oculto elástico  
Dos gestos — cresce:  
A moça na janela  
Vê a planta crescer  
Sente a terra rodar:  
Que o tempo é tanto  
De se poder ver.

## AS ESTAÇÕES

Uma chuva fina  
Caiu na toalha;  
Molhou as roupas;  
Encheu os copos.  
Esfriou os corações  
Enlaçados nas árvores  
(Do frio que separa  
Como os nomes).  
O mundo cheio de rios,  
Lagos, recolhimentos  
A nosso uso.





Num céu profundo  
Máquinas de nuvens  
Elefantes de nuvens  
Passam cantando.  
Sob as mãos inertes  
Os móveis suam.  
O ambiente doméstico  
Quer abrir as janelas:  
Sobre folhas secas,  
Sobre sonhos, fantasmas  
Mortos de sede





Os homens podem  
Sonhar seus jardins  
De matéria fantasma.  
A terra não sonha,  
Floresce na matéria  
Doce aos olhos: flor,  
Sonho fora do sono  
E fora da noite como  
Os gestos em que floresces  
Também: teu riso irregular,  
O sol na pele.





Na fruta sôbre a mesa  
Procuro um verso  
Que revele o outono.  
Procuro o ar  
Da estação; imagino  
Um freixo; exercito  
Trucs, palavras  
(Ante a fruta madura  
À beira da morte,  
Imóvel no tempo  
Que ela sonha parar).



## A MESA

O jornal dobrado  
Sôbre a mesa simples;  
A toalha limpa,  
A louça branca

E fresca como o pão.

A laranja verde:  
Tua paisagem sempre,  
Teu ar-livre, sol  
De tuas praias; clara

E fresca como o pão.

A faca que aparou  
Teu lápis gasto;  
Teu primeiro livro  
Cuja capa é branca

E fresca como o pão.

E o verso nascido  
De tua manhã viva,  
De teu sonho extinto,  
Ainda leve, quente

E fresco como o pão.

## O FANTASMA

Surpresa do encontro  
Com o fantasma  
Na praia:

Camisa branca,  
Corpo diáfano,  
Funções tranqüilas  
No banho do sol.

O apêto de mãos  
Ao fantasma  
Na praia:

Espectros de mãos  
Sem linha de vida,  
Sem física, química,  
História natural.

A cordial palestra  
Com o fantasma  
Na praia:

Voz clara e evidente  
De enigma vencido.  
A conversa tranqüila  
Uma fonte do susto.

As práticas infantis  
Com o fantasma  
Na praia:

Decifra logogrifos,  
Palavras cruzadas,  
Desenha uma flor  
Que é também um gato.

Semelhança com um barco  
Dêsse fantasma  
Na praia:

Correndo na areia  
Deixa o rastro de um barco.  
Leva o ar entre os homens  
De um barco na areia.

## O FUNCIONÁRIO

No papel de serviço

Escrevo teu nome

(Estranho à sala

Como uma flor)

Mas a borracha

Vem e apaga.

Apaga as letras

O carvão do lápis

Não o nome

Vivo animal

Planta viva

A arfar no cimento.

O macio monstro

Devolve o silêncio

À página branca;

Calma à mesa,

Sono ao lápis,

Aos arquivos, poeira.

Fome à boca negra  
Das gavetas, sêde  
Ao mataborrão;  
A mim, a prosa  
Procurada, o confôrto  
Da poesia ida.

## O POEMA

.....

A tinta e a lápis  
Escrevem-se todos  
Os versos do mundo.  
Que monstros existem  
Nadando no poço  
Negro e fecundo?  
Que outros deslizam  
Largando o carvão  
De seus ossos?  
Como o ser vivo  
Que é um verso  
Um organismo  
Com sangue e sôpro  
Pode brotar  
De germes mortos?

O papel nem sempre  
É branco como  
A primeira manhã.

É muitas vezes  
O triste e pobre  
Papel de embrulho.

É de outras vezes  
De carta aérea  
Com ar de nuvem.

Mas é no papel *estéril*  
No branco asséptico  
Que o verso rebenta.

Como um ser vivo  
Pode brotar  
De um chão mineral?

.....

## A ÁRVORE

O frio olhar salta pela janela  
Para o jardim onde anunciam  
A árvore.

A árvore da vida? A árvore  
Da lua? A maternidade simples  
Do fruto?

A árvore que vi numa cidade?  
O melhor homem? O homem além  
E sem palavras?

Ou a árvore que nos homens  
Adivinho? Suas veias, seus cabelos  
Ao vento?

O frio olhar  
Volta pela janela  
Ao cimento bruto  
Do quarto e da alma.

Calma perfeita  
Pura inércia  
Onde jamais penetraria  
O rumor

Da oculta fábrica  
Que cria as coisas  
O oculto impulso  
Que explode em coisas

Como a frágil folha  
Nesse jardim.

## A LIÇÃO DE POESIA

Tua manhã consumida  
Como um sol imóvel  
Diante da folha em branco:  
Princípio do mundo, lua nova.

Ja não podias desenhar  
Sequer uma linha;  
Um nome sequer uma flor  
Desabrochava no verão da mesa

No meio dia iluminado  
Cada dia comprado  
Do papel que pode aceitar  
Qualquer mundo.





A noite inteira o poeta  
Em sua mesa, tentando  
Salvar da morte os monstros  
Germinados no seu tinteiro.

Monstros, bichos, fantasmas  
De palavras, circulando,  
Urinando sôbre o papel,  
Sujando-o de seu carvão.

Carvão de lápis, carvão  
Da idéia-fixa, carvão  
Da emoção extinta, carvão  
Consumido nos sonhos.



★

A luta branca sôbre o papel  
Que o poeta evita.  
Luta branca onde corre o sangue  
De suas veias de água salgada.

A física do susto percebida  
Entre os usos diários;  
Susto das coisas jamais pousadas  
Porém imóveis — naturezas vivas.

E as 20 palavras recolhidas  
Nas águas salgadas do poeta  
De que se servirá o poeta  
Em sua máquina útil.

20 palavras sempre as mesmas  
De que conhece o funcionamento  
A evaporação, a densidade  
Menor que o ar.

A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Não há guarda-chuva  
Contra o poema  
Subindo de regiões onde tudo é surpresa  
Como uma flor num canteiro.

Não há guarda-chuva  
Contra o amor  
Que mastiga e cospe como qualquer bôca  
Que tritura como um desastre.

Não há guarda-chuva  
Contra o tédio,  
O tédio das quatro paredes, das quatro  
Estações, dos quatro pontos cardiais.

Não há guarda-chuva  
Contra o mundo  
Cada dia devorado nos jornais,  
Sob as espécies de papel e tinta.

Não há guarda-chuva  
Contra o tempo  
Rio fluindo sob a cama, correnteza  
Carregando os dias, os cabelos.

## A JOAQUIM CARDOSO

Com teus sapatos de borracha  
Seguramente  
É que os seres pisam  
No fundo das águas.

Encontraste algum dia  
Sôbre a terra  
O fundo do mar,  
O tempo marinho e calmo?

Tuas refeições de peixe;  
Teus nomes  
Femininos: Mariana; teus versos  
Medidos pelas ondas;

A cidade que não consegues  
Esquecer,  
Aflorada no mar: Recife,  
Arrecifes; marés, marezias.

Marinha ainda a arquitetura  
Que sonhaste:  
Tantos sinais da marítima nostalgia  
Que te fez lento e longo.

## A VICENTE DO REGO MONTEIRO

Eu vi teus bichos  
Mansos e domésticos:  
Um motociclo,  
Gato e cachorro.  
Estudei contigo  
Um planador  
Volante máquina  
Incerta e frágil.  
Bebi do álcool  
Que fabricaste  
Servido às vezes  
Numa leiteira.  
Mas sobretudo  
Senti o susto  
De tuas surpresas.  
E é por isso  
Que quando a mim

Alguem pergunta  
Tua profissão  
Não digo nunca  
Que és pintor  
Ou professor  
(Palavras pobres  
Que nada contam  
Dessas surpresas).  
Respondo sempre:  
— É inventor,  
Trabalha ao ar livre  
De régua em punho  
Janela aberta  
Sôbre a manhã.

A NEWTON CARDOSO

Eu vi a bola  
De futebol  
Correr no campo.  
Que era ela?

Bola de tênis  
Alegre e viva?  
Steno-dactilógrafa  
Risonha e loura?

Depois saias  
No seu encalço  
Como lembrança  
Que se persegue.

Depois saltavas  
Para alcançá-la  
Como a uma fruta  
Alta num galho.

Eu me orgulhava  
De ser teu amigo  
Como em menino  
Tanto invejei

Tuas mãos lavadas.  
Como ainda hoje  
Teu natural  
Em amar o sol.

## A PAUL VALERY

É o diabo no corpo  
Ou o poema  
Que me leva a cuspir  
Sôbre meu não higiênico?

Doce tranqüilidade  
Do não fazer; paz,  
Equilíbrio perfeito  
Do apetite de menos.

Doce tranqüilidade  
Da estátua na praça  
Entre a carne dos homens  
Que cresce e cria.

Doce tranqüilidade  
Do pensamento da pedra  
Sem fuga, evaporação,  
Febre, vertigem.

Doce tranqüilidade  
Do homem na praia:  
O calor evapora,  
A areia absorve,

As águas dissolvem  
Os líquidos da vida.  
E o vento dispersa  
Os sonhos; apaga

A inaudível palavra  
Futura, apenas  
Caída da bôca  
Já gasta em silêncio.

## PEQUENA ODE MINERAL

Desordem na alma  
Que se atropela  
Sob essa carne  
Que transparece.

Desordem na alma  
Que de ti corre  
Vaga fumaça  
Que se dispersa

Informe nuvem  
Que em ti cresce  
E cuja face  
Nem reconheces.

Tua alma cresce  
Como cabelos,  
Unhas, humores,  
Palavras ditas

Que não se sabe  
Onde se perde  
X E a terra impregnam  
De sua morte.

Tua alma escapa  
Como êsse corpo  
X Sôlto no tempo  
Que nada impede.

Procura a ordem  
Que vês na pedra:  
Nada se gasta  
Mas permanece.

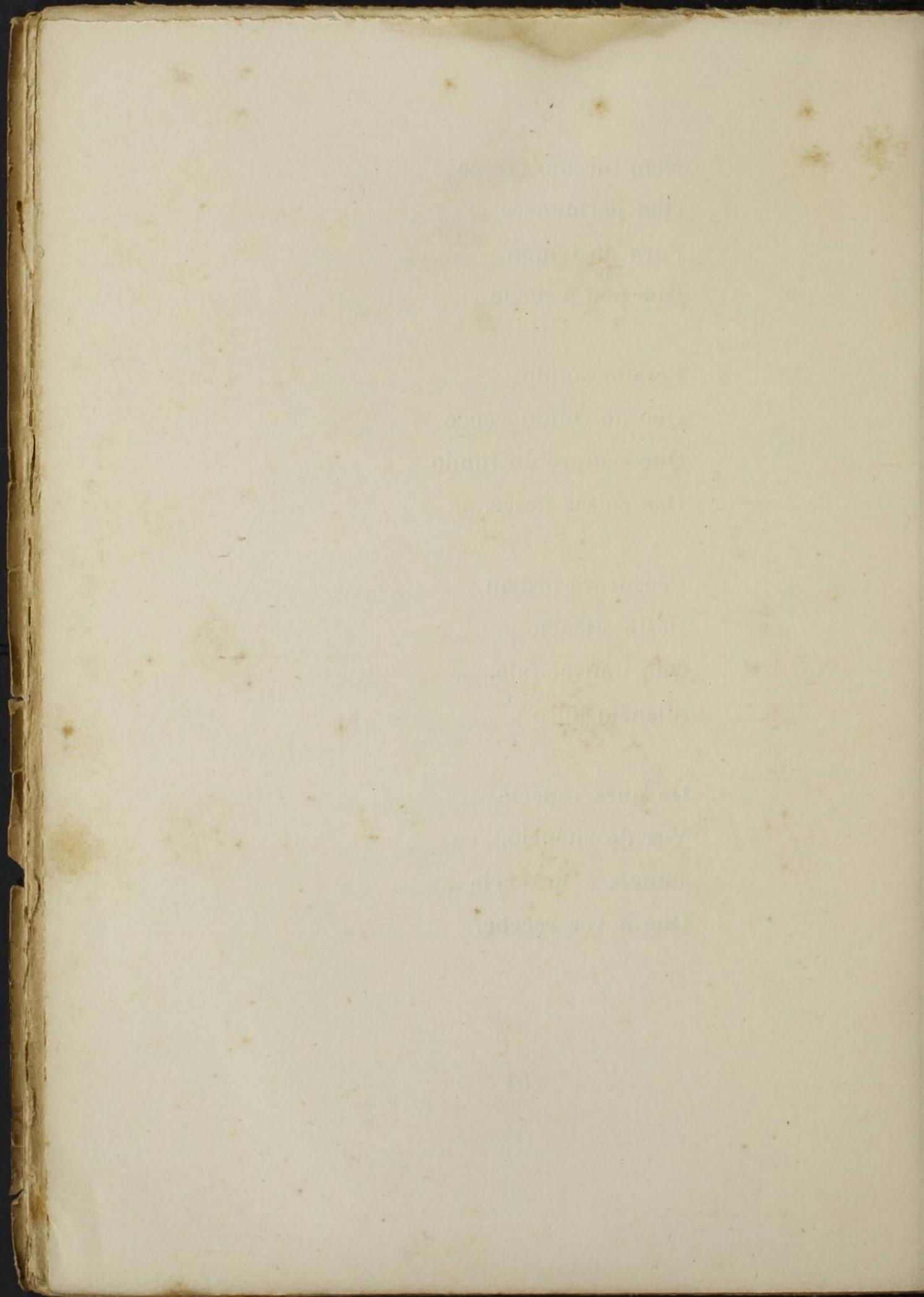
Esta aparêcia  
Que reconheces  
Não se devora  
Tudo em que cresce.

Nem mesmo cresce  
Que permanece  
Fora do tempo  
Que não a mede

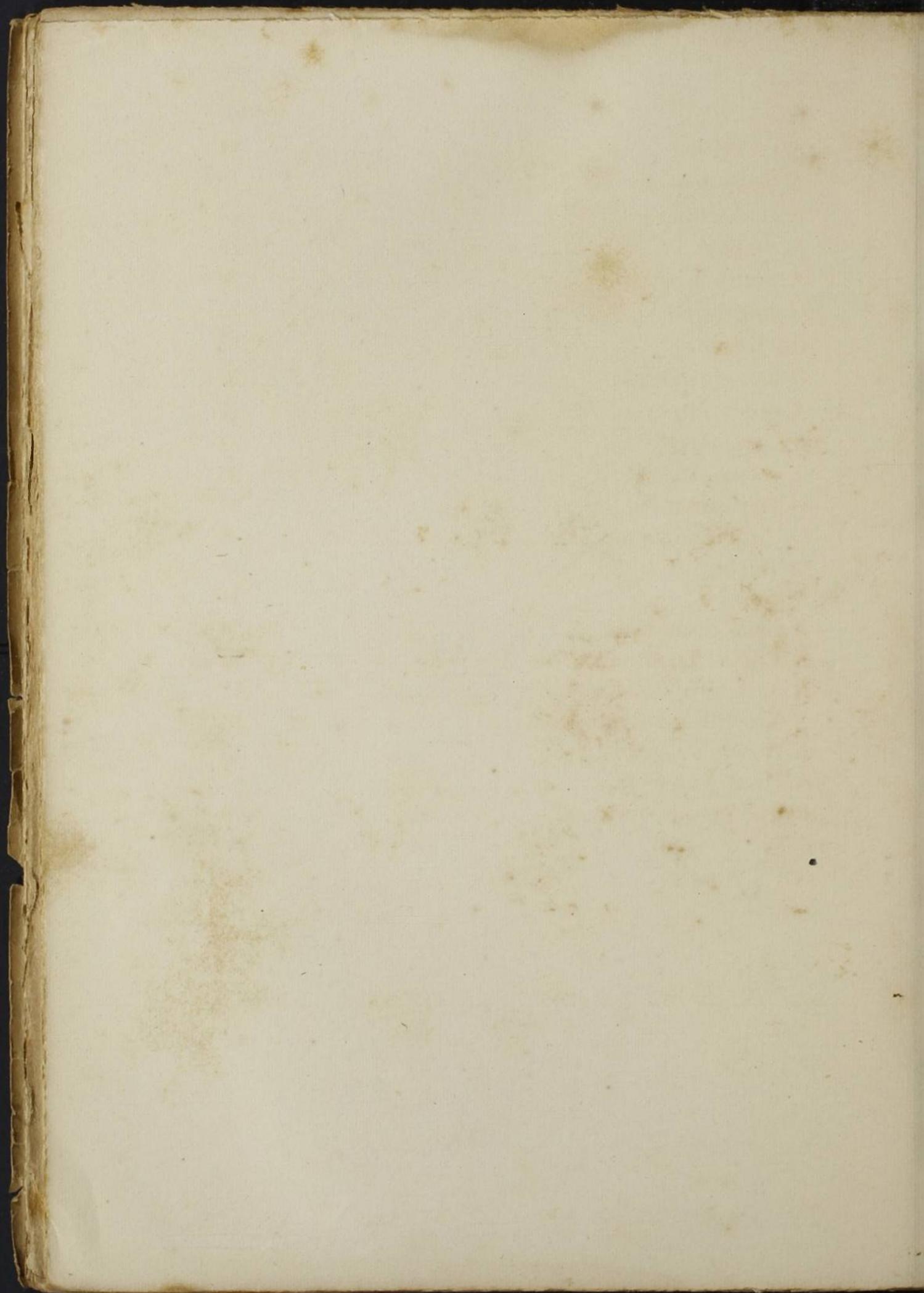
Pesado sólido  
Que ao fluido vence  
Que sempre ao fundo  
Das coisas desce.

Procura a ordem  
Dêste silêncio  
Que imóvel fala.  
Silêncio puro

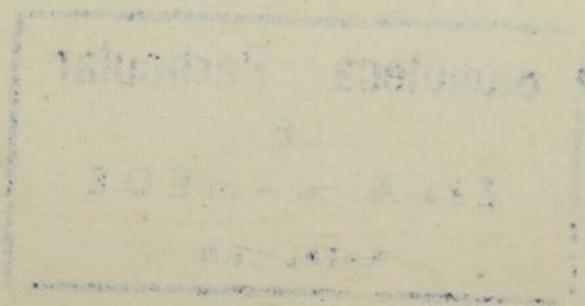
De pura espécie,  
Voz de silêncio,  
Jamais a ausência  
Que à voz recebe.



ÍNDICE



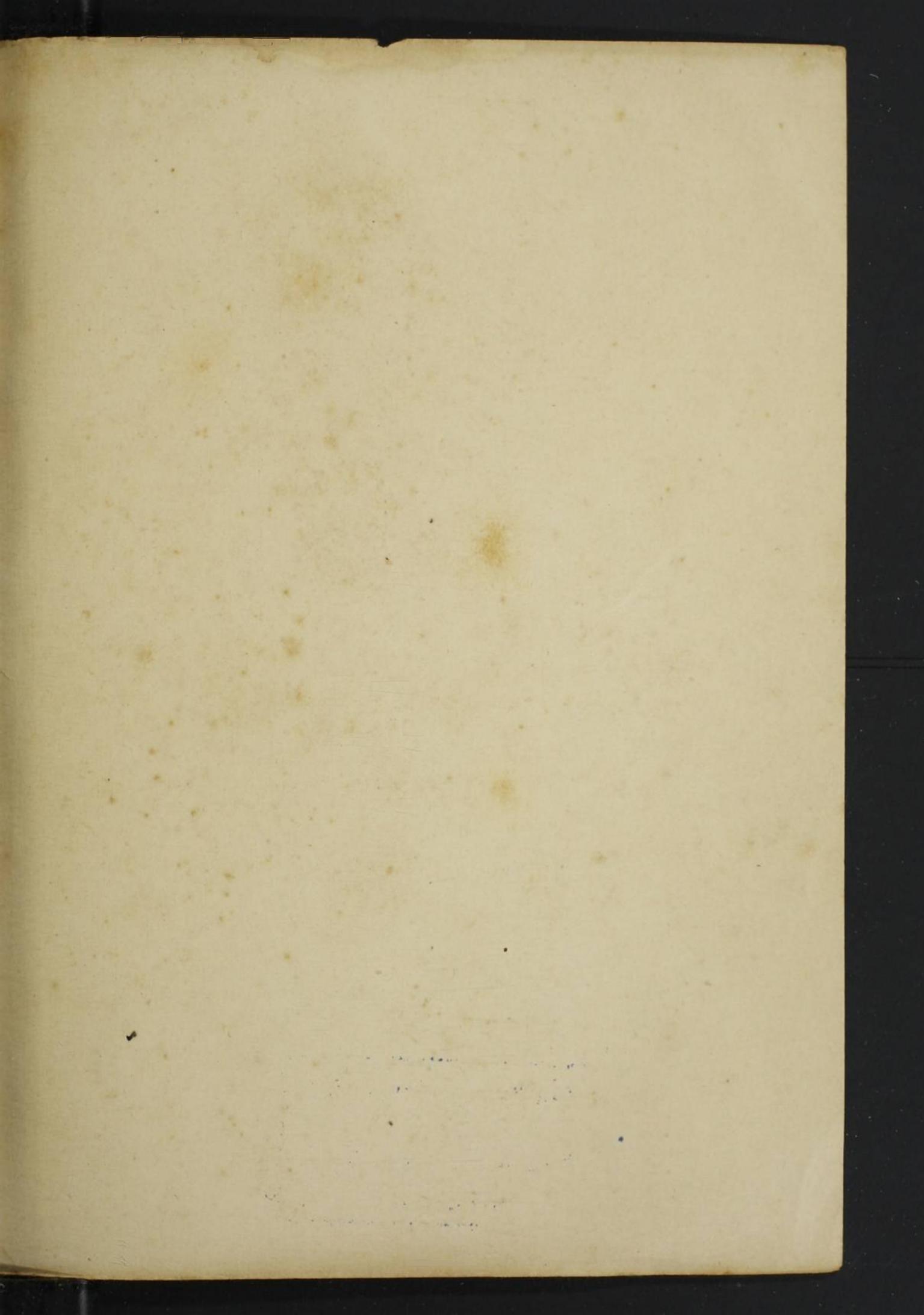
As nuvens .....	11
A paisagem zero .....	12
A bailarina .....	14
A viagem .....	15
A mulher sentada .....	16
O engenheiro .....	17
Os primos .....	18
O fim do mundo .....	20
A moça e o trem .....	21
As estações .....	22
A mesa .....	26
O fantasma .....	28
O funcionário .....	30
O poema .....	32
A árvore .....	34
A lição de poesia .....	36
A Carlos Drummond de Andrade .....	39
A Joaquim Cardoso .....	41
A Vicente do Rego Monteiro .....	43
A Newton Cardoso .....	45
A Paul Valery .....	47
Pequena ode mineral .....	49



Composto  
e  
impresso  
na  
Gráfica Econômica Ltda.  
Rua Luiz de Camões, 74  
RIO

Biblioteca Particular  
DE  
ZILA MAMEDE  
NATAL - RN

26460



AMIGOS DA POESIA

*próxima publicação:*

*CORDÉLIA E O PEREGRINO*

*de*

*Vinícius de Moraes*